

2006, Teixeira, José, “Os processos diferenciados entre o português e outras línguas na conceptualização da linearidade gráfica”, *VII Congrès de Linguística General – Actes*, Universidade de Barcelona, Barcelona (CD-Rom: ISBN 84-475-2086-8; Depósito Legal B. 11655-2006)

## Os processos diferenciados entre o português e outras línguas na conceptualização da linearidade gráfica

José Teixeira

Universidade do Minho - Departamento de Estudos Portugueses/Centro de Estudos Humanísticos  
jsteixeira@ilch.uminho.pt

### Resumo

A língua portuguesa conceptualiza a palavra escrita diferentemente de muitas outras línguas europeias (Inglês, Francês, Espanhol, Polaco, Catalão ...) e essa diferença de conceptualização resulta da possibilidade de escolha entre vários modelos mentais que as línguas detêm para representarem a relação anterioridade/posterioridade na linearidade gráfica.

A opção pelo modelo dinâmico da língua portuguesa, em que “à frente” corresponde “à direita” da palavra, é um processo que não é adquirido com a própria técnica de escrita, mas que só se torna estável por volta dos 10 anos, quando a referida técnica já é completamente dominada pelas crianças.

Pretende-se mostrar, assim, que a selecção e estabilização do modelo escolhido pela língua não é automático, imediato e simultâneo à aprendizagem da técnica da escrita.

**Palavras-chave:** modelos mentais, modelos cognitivos, aquisição da língua materna, língua portuguesa, escrita.

### Abstract

Portuguese conceptualizes a written word differently from many European languages (English, French, Spanish, Polish, Catalan, ...) and this difference of the conceptualization process results from the possibility of choosing between several mental models with which natural languages represent the front/back relation on the writing process.

The option of Portuguese for the dynamic model, in which “in front of (*à frente*)” corresponds to “at the right” of the written word, is a process only acquired near 10 years old, when the writing process is completely acquired.

We will try to prove that the selection and stabilization of the chosen model by Portuguese language is not automatic and simultaneous to the writing process acquisition.

**Keywords:** mental models, cognitive models, first language acquisition, Portuguese language, writing.

### Résumé

La langue portugaise conceptualise la parole écrite différemment de beaucoup d'autres langues européennes (Anglais, Français, Espagnol, Polonais, Catalan) et cette différence de conceptualisation est le résultat de la possibilité du choix parmi plusieurs modèles mentaux qui les langues possèdent pour représenter la relation devant/derrière dans la linéarité graphique.

L'option par le modèle dynamique de la langue portugaise, dans laquelle “à frente”(=devant) correspond “à la droite” de la parole, c'est un processus qui n'est pas acquis avec la technique de l'écriture, mais qui revient stable seulement à dix ans environ, quand la technique de l'écriture est déjà assimilée par les enfants.

On veut démontrer, ainsi, que la sélection et la stabilisation du modèle choisi par la langue n'est pas automatique, immédiat et simultanée à l'apprentissage de la technique de l'écriture.

**Mots-clés** - modèles mentaux, modèles cognitifs, acquisition de la langue maternelle, langue portugaise, écriture.

#### **Tábua de conteúdos:**

1. Língua, grafia e modelos cognitivos
2. A organização do eixo *frente/trás* em Português
  - 2.1. Modelos estáticos do eixo *frente/trás* em Português
    - 2.1.1. O modelo original
    - 2.1.2. O modelo da orientação situacional em espelho
    - 2.1.3. O modelo da visibilidade
    - 2.1.4.. O modelo do encaramento
    - 2.1.5. O modelo dinâmico
  3. Uma dupla visão do espaço da escrita: um modelo estático (encaramento) e o modelo do movimento
- 3.1. A especificidade do Português
  - 3.2. A opção do Português pelo modelo dinâmico
    - 3.2.1. Inquéritos sobre a aquisição
    - 3.2.2. A predominância de um modelo
4. Para concluir
- Referências bibliográficas

## **1. Língua, grafia e modelos cognitivos**

Um dos aspectos mais fascinantes da investigação linguística é a possibilidade de entrevermos a forma como interagem alguns aspectos daquilo a que chamamos a mente humana. Vislumbrar algo dos processos cognitivos é um pouco como ver o mistério a funcionar.

A escrita já foi mistério. Já foi sagrada. Já foi “hieróglifo”, que em grego significava “desenhos sagrados”. Hoje, parece-nos qualquer coisa de banal. No entanto, a escrita não transmite apenas uma mensagem verbal equivalente ao acto linguístico oral. Enquanto este se inscreve no tempo, na escrita reconhecemos uma forma que se inscreve e que se organiza no espaço (do papel). Por outras palavras, para além dos conteúdos linguísticos expressos, a escrita, inserindo-se no domínio espacial, é uma manipulação cognitiva que abarca, simultaneamente, uma língua, um espaço (o do papel) e as configurações mentais de um indivíduo.

A escrita, enquanto actividade inserida na espacialidade, é, portanto, uma actividade privilegiada para entrevermos algumas das relações que o cérebro humano desenha no espaço. Ou seja, a espacialidade em que se desenrola a escrita pode constituir-se em dimensão reveladora de modelos mentais e cognitivos próprios de uma determinada língua.

## **2. A organização do eixo *frente/trás* em Português**

No Português Europeu, a configuração espacial relativa ao eixo *frente/trás* pode ser descrita através de vários modelos, cada um assente num esquema mental ligado sempre, de certa forma, ao modelo central, original ou prototípico.

Dizer que *frente/trás* se baseia num grupo de traços, mesmo que entendidos como não necessários um a um, como a direcção frontal, a direcção do olhar, o sentido do movimento, a direcção de nutrição, etc. (como faz Vandeloise 1986:108) não é dizer muito. Fica-se com a impressão de que há um número indeterminado de traços, formando essencialmente um conjunto indefinido e que esses traços se distribuem uniformemente pelas várias configurações espaciais da frontalidade. Ora o que se defende é que esses traços não podem ser todos englobados num conjunto, mas que de

entre eles uns participam num modelo e outros compõem outros modelos diferentes. Cada um destes sub-modelos da frontalidade é baseado num ou em muito poucos traços; podendo, os vários sub-modelos, focar perspectivas opostas de configurações espaciais. Este facto explica o porquê de permitirem, para a mesma situação, verbalizações que podem conter quer o sentido positivo (*frente*) quer o negativo (*trás*) do mesmo eixo da frontalidade, como na figura 1 (para o mesmo LOCutor):



- 1) O porco está à frente do cavalo.
- 2) O porco está atrás do cavalo.

## 2.1. Modelos estáticos do eixo *frente/trás* em Português

### 2.1.1. O modelo original

O primeiro, mais "primitivo" com certeza, é o mais prototípico e por todos admitido como estando na origem da configuração geral do eixo da frontalidade. Chamemos-lhe **Modelo original**. É o modelo que opõe *frente/trás* baseando-se na constituição corpórea do ser humano, do modo que a figura 2 representa:

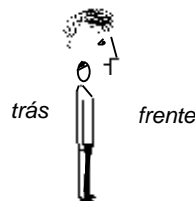


Figura 2

Este modelo, através de um processo de projecção, pode aplicar-se a qualquer realidade, animada ou não, atribuindo uma antropomorfização que pode ser total (uma escultura, grande parte dos animais) ou parcial (uma cadeira, uma televisão).

A noção de *frente/trás* terá que estar, necessariamente, relacionada com a realidade física constitutiva do ser humano. Não é de estranhar, portanto, que haja uma grande coincidência, mesmo entre línguas de famílias muito diferentes, na escolha das partes corpóreas que servem de marcos referenciadores para a constituição do eixo em questão (*frente/trás*)<sup>1</sup>. Em Português, o primeiro modelo da frontalidade é prototipicamente dado pela orientação habitual da figura humana: a *frente* é atribuída para onde, em posição canónica, estão voltados os pés<sup>2</sup>, os olhos, a boca, o nariz e o peito.

<sup>1</sup> Veja-se Svorou, 1994: 249-251

<sup>2</sup> Para ver a importância da direcção dos pés para o estabelecimento da noção de "frente" ver Teixeira 2001: 322-331.

### 2.1.2. O modelo da orientação situacional em espelho

Um outro modelo, a que se pode chamar **modelo de orientação situacional em espelho** (ou em simetria), decorre do primeiro: quando um objecto sem orientação intrínseca adquire uma orientação situacional por um processo de espelhamento de um objecto intrinsecamente orientado.

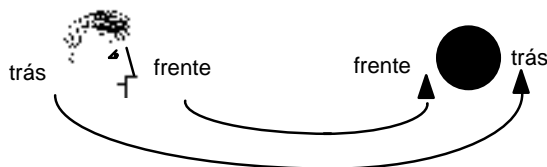


Figura 3

Este modelo é responsável pela atribuição de orientações intrínsecas a objectos que figurativamente não são antropomorfizados: a *frente* de uma cómoda, de uma secretária, de um electrodoméstico é geralmente atribuída a partir da relação de enfrentamento que usualmente mantêm com o ser humano.

### 2.1.3. O modelo da visibilidade

A oposição *frente/trás*, para além da pura configuração locativa, espacial, acarreta determinadas vertentes que, em princípio secundárias, podem adquirir importância fulcral em certas variantes de modelos mentais da frontalidade. Estão neste caso as vertentes [visibilidade] e [acessibilidade] que o eixo em questão normalmente exige.

Será necessário, portanto, admitir um modelo estruturante do eixo *frente/trás* a que se pode chamar **modelo da visibilidade** por se basear na presença ou ausência do traço [visibilidade]/ [acessibilidade]. Em esquema:

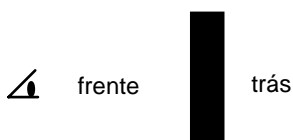


Figura 4

### 2.1.4.. O modelo do encaramento

Um outro modelo a propor pode ser apelidado de **modelo do encaramento**. Exige prototipicamente dois "objectos" humanos em situação de face a face, sendo um desses objectos geralmente constituído por vários elementos. Exemplo típico: orador/ouvintes.

Em esquema:

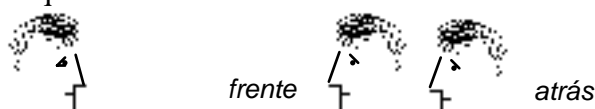


Figura 5

Neste modelo, *atrás* não se opõe visualmente a *frente*. Quem está *atrás* pode estar também bem visível, pelo menos para o figurante relativamente ao qual se estrutura a configuração.

É este mesmo modelo que enforma as relações configurativas à *frente/atrás* de todos os ajuntamentos humanos (ou animais) em que há uma ordenação relativamente a uma zona de actuação, como o esquema procura representar. Tanto pode ser uma aula, uma multidão reunida à frente ou à volta de um orador ou simplesmente uma bicha de pessoas à espera de comprar pão fresco.

### 2.1.5. O modelo dinâmico

Um quinto modelo que pode suportar as configurações da frontalidade é o que se baseia no movimento. Aparentemente, é aquele que, no seu funcionamento, menos está ligado aos modelos anteriores. Na verdade, para este modelo não interessa a posição do LOC ou de qualquer outro observador. O único vector estruturante é o do movimento do(s) objecto(s), desde que tal movimento se faça apenas numa única direcção e sentido. A figura representa uma situação típica: onde quer que se coloque o observador, o rato *está* (sempre) à *frente* da bola e esta à *frente* do gato:

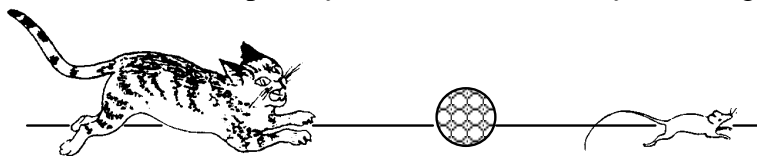


Figura 6

Como o movimento típico do ser humano é realizado na direcção da sua frente, se se conceptualizar o espaço desse movimento como um todo, projectam-se nesse espaço as mesmas coordenadas que configuram o ser (prototipicamente) humano que o percorre (física ou intencionalmente). Ou seja: configura-se o espaço percorrido da mesma forma que é configurado o ser que o percorre. Simples e eficiente. E em vez de um modelo contraditório relativamente ao original, temos, no fundo, o mesmo modelo original numa outra perspectiva: agora assimilado ao espaço do movimento. A figura 7 sintetiza, em esquema, o processo:

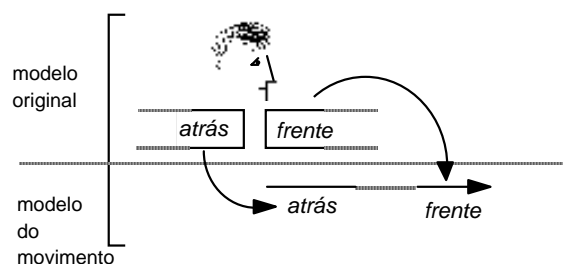


Figura 7

## 3. Uma dupla visão do espaço da escrita: um modelo estático (encaramento) e o modelo do movimento

A aceitação de vários modelos que configuram uma mesma relação espacial (neste caso *frente/trás*) explica com bastante simplicidade aquilo que à primeira vista aparece como “contradição” ou ilogicidade nas equivalências entre uma língua A e uma outra língua B, ou até, dentro da mesma língua: a um mesmo objecto ou situação poder ser atribuída uma orientação espacial e simultaneamente uma outra inversa à primeira.

É o que acontece na escrita. Esta pode ser perspectivada enquanto processo dinâmico (que ocorre entre um espaço/tempo-antes e um espaço/tempo-depois) ou enquanto objecto resultado desse processo (um livro, por exemplo). Se o livro for conceptualizado como um objecto feito, estático, e não se tiver em atenção a escrita, a

*frente* é a parte junto às primeiras páginas, e a parte de *trás* é constituída pelas últimas páginas, terminando na capa mais à direita (com o livro na posição de ser lido). Aplica-se, neste caso, para a configuração *frente/trás* o modelo que se baseia na orientação intrínseca dos objectos. O "rosto" do livro é a capa onde está o título, e as primeiras páginas a seguir são as páginas consideradas "da frente".

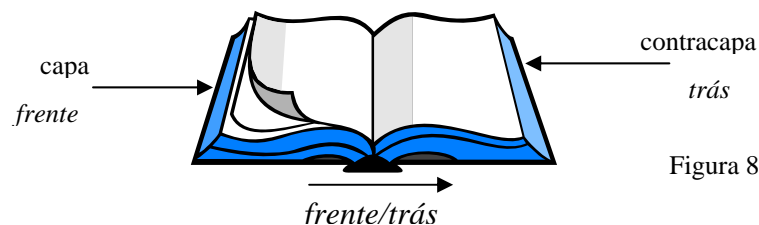


Figura 8

É por esta perspectiva que em português usualmente se interpretam frases como as seguintes:

- 3) Fotocopia o livro de trás para a frente.
- 4) A Joaquina rasgou o livro todo, começando por trás.
- 5) As primeiras folhas a descolarem foram as da frente.

No entanto, o livro considerado como um objecto composto pela linearidade da escrita já é visto, relativamente à espacialidade *frente/trás*, na perspectiva oposta: as primeiras páginas são as de *trás* e as de numeração mais alta as da *frente*. É evidente que se utiliza um modelo mental para configurar as relações *frente/trás* diferente do que se utiliza para o livro enquanto objecto. E esse modelo é, naturalmente, o modelo do movimento, suportado pela linearidade espaço-temporal da escrita.



Figura 9

A relação da progressão é, agora, inversa da anterior. E é esta conceptualização que enforma frases como

- 6) Já analisei isso atrás, mas bastante mais à frente, quase no fim, voltarei ao assunto.
- 7) Os primeiros capítulos são monótonos! Os da frente são mais interessantes.

### 3.1. A especificidade do Português

Se um livro (jornal, revista) pode ser inserido nestes dois modelos, teoricamente uma palavra também o pode ser. O Português (pelo menos o europeu) no entanto, apenas admite um: a palavra é sempre inserida na perspectivada dinâmica do modelo do movimento:

Ao contrário do que acontece no caso do falante do P(ortuguês) E(uropeu), um francês, um espanhol, um inglês, um alemão ou um polaco atribui a parte *frente* da palavra ao seu lado esquerdo, e consequentemente, a parte *trás* ao seu lado direito, fazendo coincidir, por um lado *antes*, *à esquerda* e *à frente* e, por outro, *depois à direita* e *atrás*. O modelo adoptado já não é, aqui, temporal e dinâmico, como no caso do PE, mas, pelo contrário, estático e espacial.

Consideramos, assim, que para o falante não-nativo do PE, o texto não está em curso para além do processo pontual da escrita; uma vez terminado, funciona como um

produto concluído que deixa de ter características dinâmicas e funciona, apenas, como um corpo estático. Por conseguinte, a sua 'frente' (ou 'cabeça') não está virada no mesmo sentido em que prosseguia a 'deslocação' do texto, já que, segundo esta 'lógica', a 'deslocação' já deixou de existir. O texto, sendo um produto acabado, tende a adquirir a 'cabeça' (ou a 'frente') no lugar em que a própria escrita se iniciou cronologicamente, isto é, na primeira letra da palavra, relacionando, assim, a *frente* com a anterioridade. (Batoréo 1994:52-53)

Esta diferenciação parece provar que destes dois modelos mentais, o do Português europeu privilegia o dinamismo e o movimento. Mesmo quando o texto é um produto acabado, ele mantém esta mesma faceta, ao contrário do que acontece no modelo mental oposto.<sup>3</sup>

Esta especificidade gera, frequentemente, entre falantes do Português e falantes de outras línguas, confusões que dificilmente os intervenientes superam. Por exemplo, numa conferência, na minha universidade, dada em português por um professor alemão assisti uma série de mal-entendidos. Quando o conferencista referia determinado termo como “o que está à frente do verbo”, ele entendia uma coisa, os ouvintes, outra. Só quando indiquei que em Português “à frente” de uma palavra significa “à direita” dessa mesma palavra é que a confusão foi esclarecida.

O exemplo mais próximo encontra-se precisamente nas informações, em Catalão, deste congresso: nas normas para apresentação das comunicações escritas, ponto 7., nota 1, diz-se o seguinte: “La crida de la nota de peu de pàgina anirà darrere el signe de puntuació rellevant (punt, coma, punt i coma, parèntesi, interrogant o exclamació).” E isto é ilustrado com o exemplo

de la següent manera ‘(Baker 1985: 384)’.<sup>1</sup>

Como se verifica, em Catalão o que é *atrás* (*darrere*) da pontuação, em Português é *à frente*.

### 3.2. A opção do Português pelo modelo dinâmico

#### 3.2.1. Inquéritos sobre a aquisição

Depois de adquiridos, os modelos mentais parecem aos falantes como naturais, “lógicos” e unívocos. Eles suportam as cognições e as verbalizações feitas através da língua sem terem que ser questionados e sem que os falantes tenham consciência analítica do seu funcionamento.

Sendo assim, pus a hipótese de nas primeiras fases de aprendizagem do sistema de escrita (a partir dos 5 anos de idade) as crianças ainda hesitarem sobre o modelo *frente/trás* a aplicar à linearidade gráfica. Raramente ou nunca os professores têm a preocupação de indicarem a quem está a aprender a escrever o que é que é “à frente” de uma palavra, porque nem põem a hipótese de isso não ser inequívoco para toda a gente que fala Português.

Pensei numa experiência muito simples: pedirem aos alunos que pusessem uma cruz à frente de uma palavra (*Amigo*) escrita no centro de um pedaço de papel em branco (6x4 cm, aproximadamente).

---

<sup>3</sup> Vejam-se dois exemplos explícitos sobre as diferenças destes dois modelos que Batoréo (1994) indica:

"Dans les ouvrages philologiques l'astérisque placé devant un mot indique qu'il s'agit d'une forme supposée: Accueillir. Lat. po. \*accoligere" (Maurice Grevisse, *Le Bon Usage. Grammaire Française avec des Remarques sur la Langue Française d'Aujourd'hui*, 11<sup>ème</sup> ed., 1980, p. 1425.)

"If you write something in front of a particular word, you write it to the left of that word". (*English Language Collins Cobuild Dictionary*, 1987, entrada FRONT.)

Tive a preocupação de pedir aos professores que colaboraram que não indicassem qualquer informação sobre a finalidade dos “papelinhos” e que, obviamente, não “explicassem” o que é que se pretendia.

Fez-se um primeiro grupo de inquéritos em 2003 (422 inquiridos) e outro em 2005 (270 inquiridos). Este último foi feito, sobretudo, com o intuito de se poderem confirmar ou não os resultados do primeiro.

A variedade de respostas (para grande surpresa dos professores que colaboraram) cobriu as cinco possibilidades que retratam cinco modelos de configuração espacial:

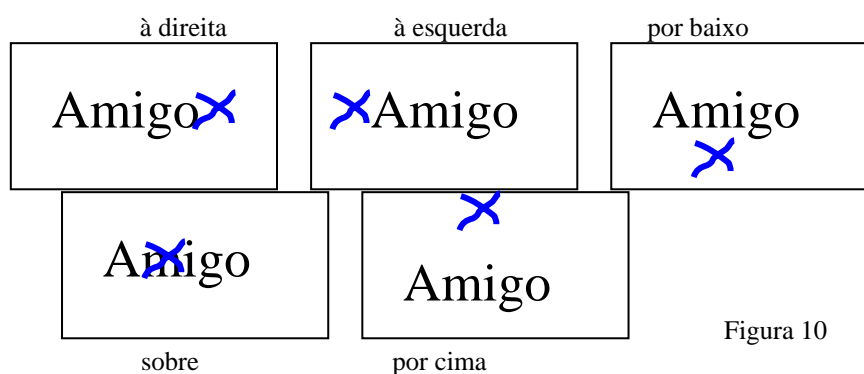


Figura 10

Inquérito 2003					
Idades	Direita	Esquerda	Por baixo	Sobre	Por cima
5	8	3	6		1
6	28	16	2	3	2
7	61	9	5		
8	60	8	4	7	1
9	66	8	3	2	
10	21				
11	8	1			
12	21	1			
13	23	6		1	
14	9	2			
15	11	1			
16	5	1			
17	8				

Inquérito 2005					
Idades	Direita	Esquerda	Por baixo	Sobre	Por cima
5	2	2	1		
6	38	9	2	4	7
7	34	8	2	3	1
8	47	2	1	2	2
9	19	1		2	
10	17		1	1	
11	8			1	
12	18	1			
13	20	1		1	
14	6			1	
15	3				
16	2				

Quando “à frente” é interpretado como “à direita”, a palavra é conceptualizada como um processo dinâmico. A noção de “frente” é independente da perspectiva do sujeito observador:

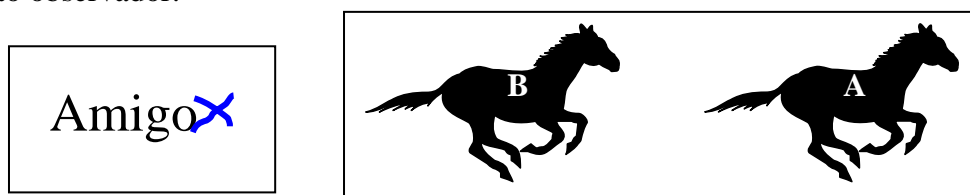


Figura 11

8) A cruz está à frente da palavra “Amigo”, assim como o cavalo A está à frente do cavalo B.



Nos outros casos, é o observador (aqui, quem escreve) que se toma como ponto de referência (perspectiva deíctica)<sup>4</sup>.

Identificar “a frente” da palavra com a esquerda implica perspectivizar a palavra como um objecto sem orientação intrínseca<sup>5</sup> que terá como “frente” a parte voltada para o observador (a parte que faz com o observador um encontro potencial):

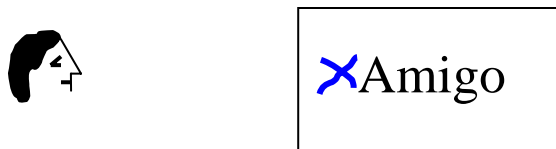


Figura 12

9) A cruz está à frente da palavra “Amigo”; a palavra “Amigo” está à minha frente.

Nas outras ocorrências (ver figura 13):

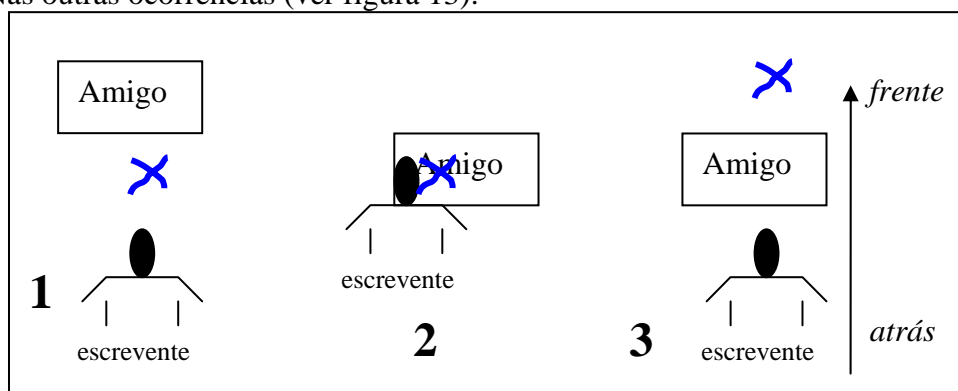


Figura 13

Em 1 (da figura 13) a folha de papel é o espaço horizontal que separa o escrevente da palavra “Amigo”. A “frente” da palavra passa a estar no espaço entre os dois.

Já em 2, a folha de papel é considerada não na horizontal, mas na vertical, havendo uma linha directa entre os olhos do escrevente e a palavra “Amigo”. Por isso a cruz “à frente” da palavra tem que a esconder, assim como quando alguém nos tapa a visão dizemos que está “à nossa frente”.

Em 3 há a suposição de um movimento potencial que começa no escrevente e termina na folha de papel. Dado que é movimento, a “frente” coincide com o prolongamento do mesmo movimento.

### 3.2.2. A predominância de um modelo

Embora o número de inquiridos não seja o ideal para se poderem fundamentar percentagens bem definidas, a comparação entre alguns gráficos dos dois inquéritos (feitos com a separação de dois anos) aponta para indícios interessantes.

<sup>4</sup> Teixeira 2001:283-284.

<sup>5</sup> Teixeira 2001:246-256.

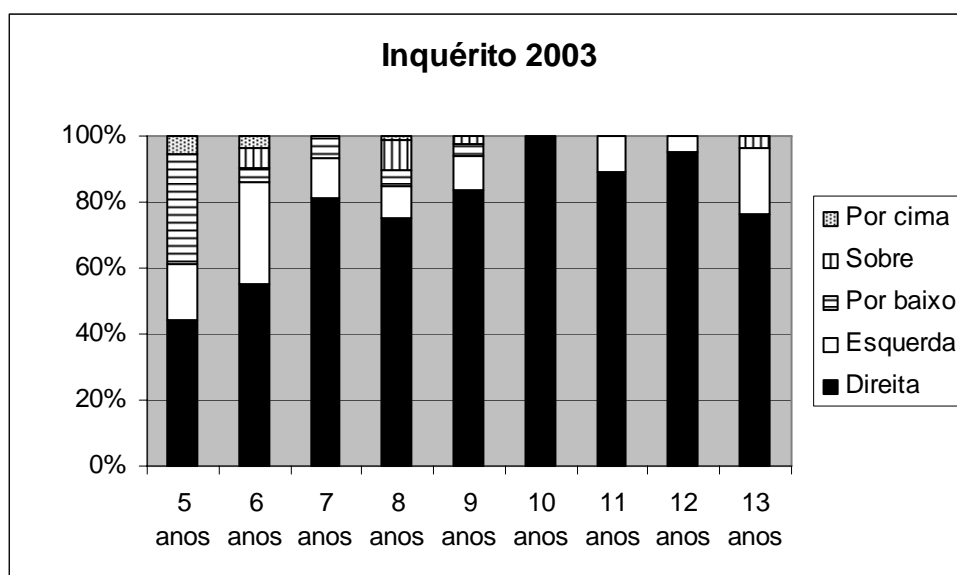


Figura 14

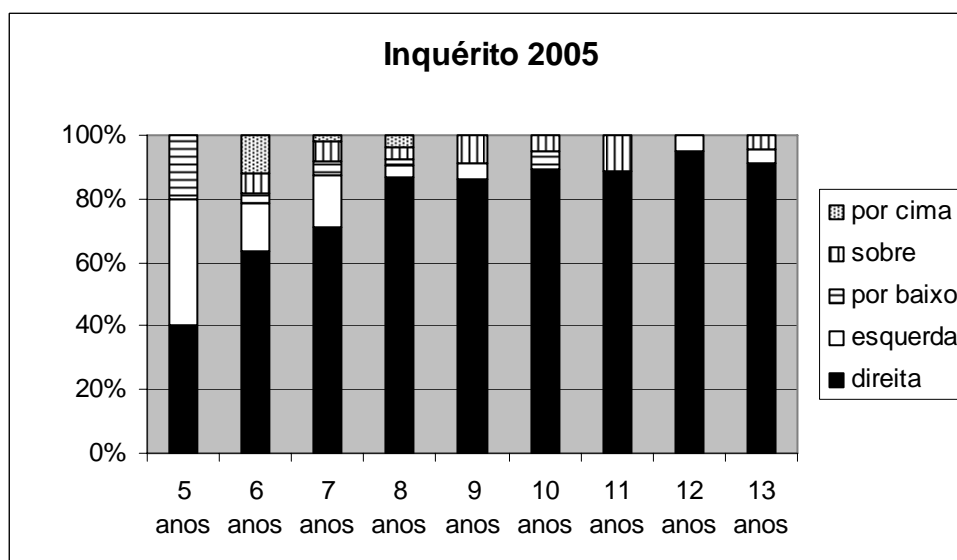


Figura 15

Em primeiro lugar, a evidência do facto de o modelo de “frente” no processo gráfico não ser unívoco para os falantes do Português em idade de aprendizagem do processo de escrita. Em muitos dos inquéritos, pode verificar-se a hesitação entre o modelo a escolher: os alunos mudam (e por vezes mais do que uma vez) de opção, o que demonstra que, por um lado, reconhecem a possibilidade de haver mais do que um modelo para “frente” e, por outro lado, não têm ainda bem definido o modelo a aplicar à escrita:

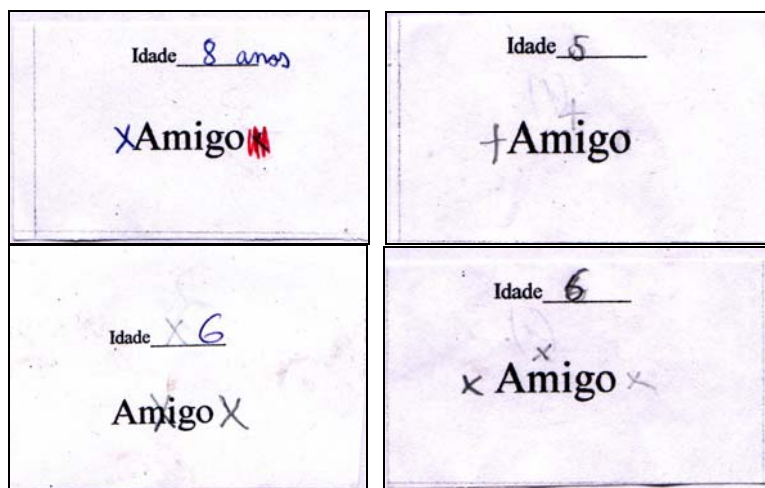


Figura 16

Na altura da aprendizagem da escrita (5/6 anos) os falantes de Português como língua materna não entram com todos os modelos com peso equivalente. Como se constata pelos dados, começam o processo já com um modelo (“frente”=direita) com predominância sobre todos os outros. A explicação para tal poderá estar no facto de as crianças terem tido três anos de pré-primária em que trabalham com a linearidade sequencial através de desenhos e algumas letras, o que implicará descodificar referências “atrás/à frente” feitas pelos educadores.

Quer o inquérito 2003, quer o 2005 parecem demonstrar que a imposição do modelo [frente=direita] (modelo dinâmico) se faz progressivamente durante os anos seguintes ao primeiro ano do processo de aprendizagem da escrita. É nítido e mais ou menos constante o crescimento global do modelo dinâmico entre os 5 e os 10 anos.

Os resultados parciais demonstram haver variação entre os grupos inquiridos. Por exemplo, no inquérito 2005, em quatro turmas diferentes (aqui designadas por A, B, C, D) notam-se diferenças acentuadas entre os mesmos grupos etários. Este facto parece demonstrar que a imposição do modelo depende muito dos tipos e métodos de trabalho utilizados no processo de aprendizagem da escrita. Como é compreensível, se o professor explicitar frequentemente onde é o “atrás” ou “à frente” de uma palavra, o modelo dinâmico torna-se rapidamente predominante.

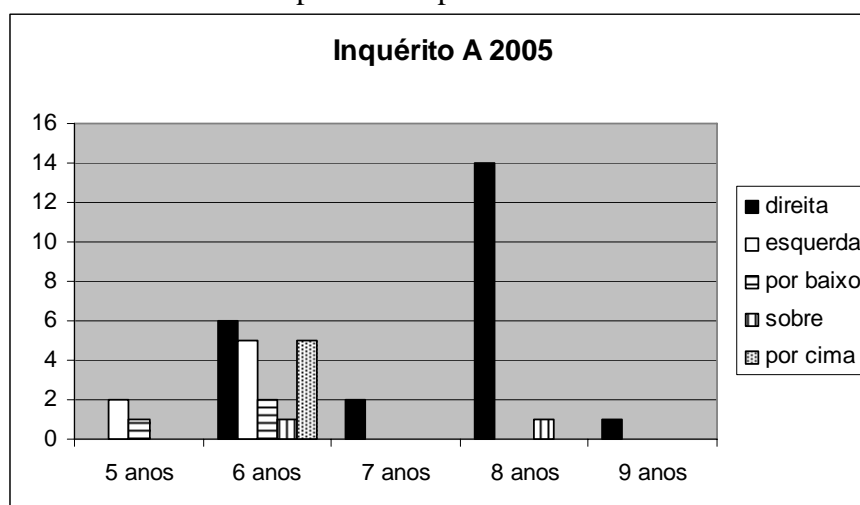


Figura 17

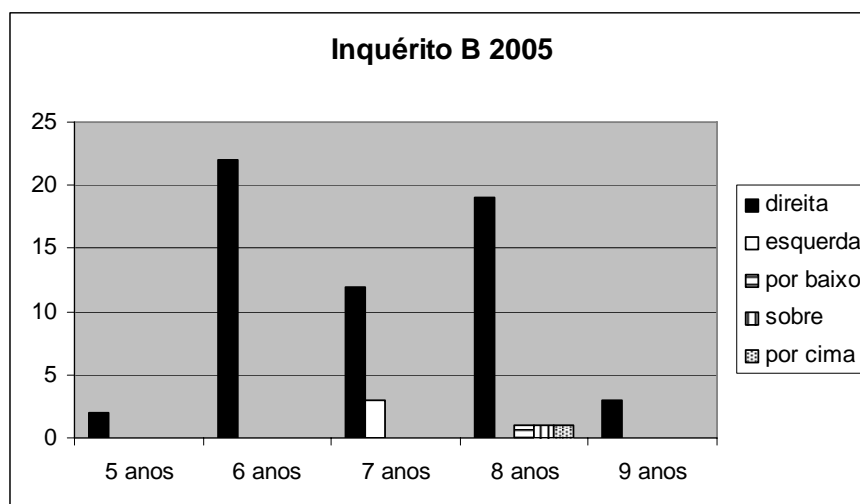


Figura 18

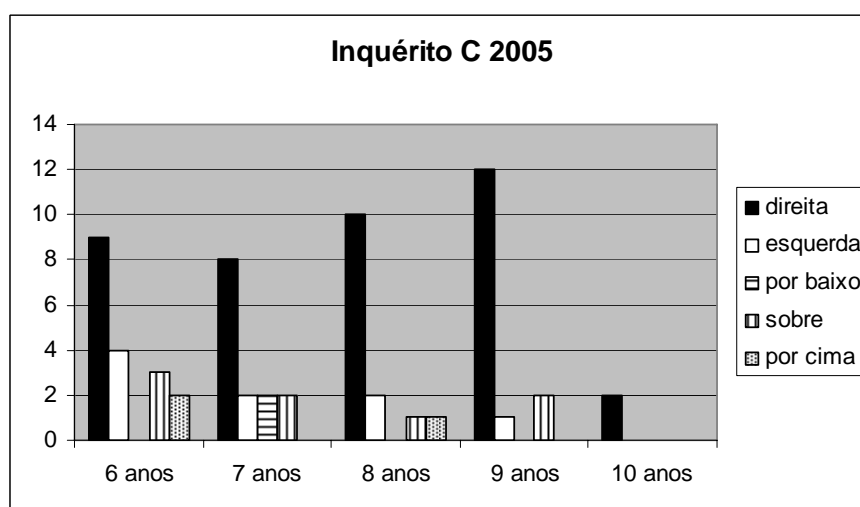


Figura 19

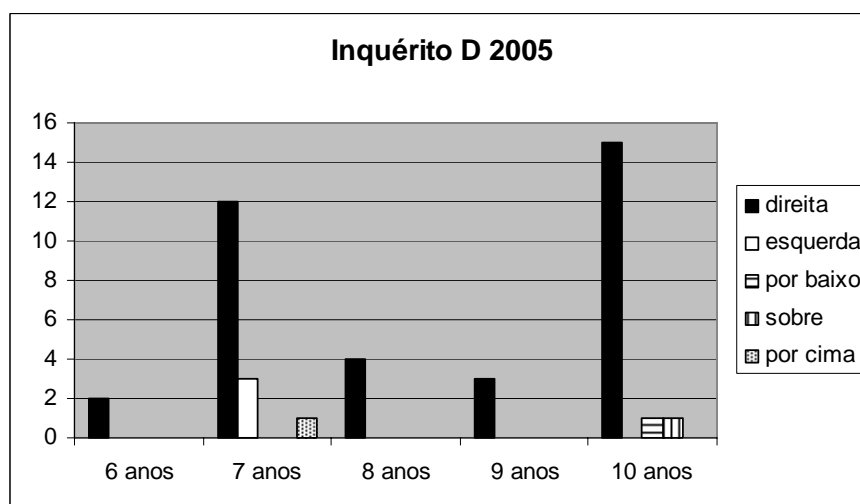
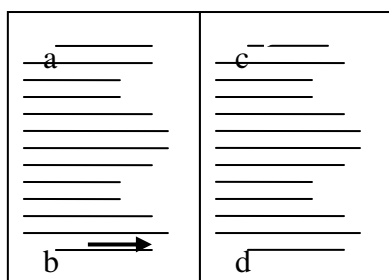


Figura 20

Como já foi assinalado, a língua portuguesa utiliza noutras dimensões referenciais o vector “atrás/ à frente” relativamente à escrita. Está neste caso o uso de *atrás* para indicar um segmento anterior e à *frente* para um posterior



(seta em b= sítio da escrita)

9) Já atrás, em [a], se escreveu...

10) Mais à frente, em [c] e [d], se verá...

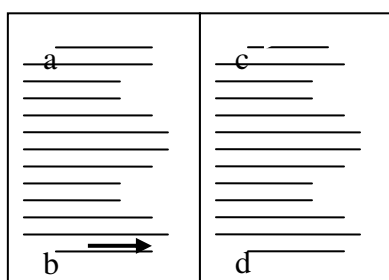
Figura 21

Este vector (“atrás/ à frente”) pode ser substituído, em alguns casos, por “acima/ abaixo”:

(com a escrita em b)

11) Já acima, em [a], se escreveu...

No entanto, este vector é muito mais espacializado: ele significa mais o espaço físico do texto do que a sua sequencialização temporal. Veja-se que enquanto “atrás/ à frente” pode ser sempre usado com os valores de [anterioridade/ posterioridade], o par “acima/ abaixo” não. Não é muito (ou nada) aceitável:



(seta em b= sítio da escrita)

12) ???Mais abaixo, em [c] se verá...

Figura 22

Ou seja, é o vector da direcção frontal “atrás/ à frente”, mais do que o da verticalidade (“acima/ abaixo”) o que verdadeiramente representa a espaço-temporalidade da escrita.

#### 4. Para concluir

A análise apresentada demonstra a profunda implicação entre as estruturas semânticas de uma língua e os modelos mentais que os falantes constroem sobre a realidade. Mostra, igualmente, como línguas diferentes podem focalizar de forma diferente um mesmo aspecto, neste caso a relação de anterioridade/ posteridade na linha gráfica.

Mais especificamente em relação ao Português, pelos inquéritos apresentados, parece ser lícito concluir que o modelo de “frente” aplicado ao texto escrito se vai impondo progressiva mas, de certa forma, lentamente aos escreventes. Essa imposição lenta resultará mais das deduções que as crianças fazem através das referências dos professores ao “atrás/à frente” na escrita do que propriamente de um ensinamento explícito, já que habitualmente os falantes não se questionam sobre a existência de modelos mentais linguístico-cognitivos para além dos que utilizam.

Mostrando-se que a “frente” pode ser mais do que “uma coisa”, mostra-se igualmente a importância que têm os modelos cognitivos com que nós retratamos a realidade. Evidencia-se, igualmente, a importância que tem a interface língua/cognição

e, ao contrário do que defendia o estruturalismo e composicionalismo clássico, a impossibilidade da separação entre o chamado conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico para a percepção e explicação do funcionamento semântico das línguas naturais.

### **Referências bibliográficas**

Batoréo, Hanna Jakubowicz, (2000), *Expressão do Espaço no Português Europeu: Contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*, FGC/FCT.

Lakoff, George, 1987, *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, The University of Chicago Press, Chicago and London.

Lakoff, George, 1995, "Embodied Minds and Meanings", in BAUMGARTNER, Peter e PAYR, Sabine (Edit.), *Speaking Minds — Interviews with Twenty Eminent Cognitive Scientists*, Princeton University Press.

Teixeira, José, 2001, *A verbalização do Espaço: modelos mentais de frente/trás*, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga

Teixeira, José, 2004, "Front/back: Space and its Verbalization: The Portuguese Case", in Silva, Augusto Soares *et alii* (Orgs.), *Linguagem, Cultura e Cognição -- Estudos de Linguística Cognitiva*, 2º vol, pp. 93-117, Almedina.

Vandeloise, Claude, 1986, *L'Espace en Français*, Éditions du Seuil, Paris.